

Razões para não esquecer, motivos para lembrar

Este número de Estudos em Jornalismo e Mídia estava em pleno fechamento quando fomos surpreendidos pela morte do coronel reformado Paulo Malhães no final de abril. Há poucos meses, ele contara à Comissão Nacional da Verdade detalhes da repressão aos oponentes da ditadura militar, inclusive sobre o caso do deputado desaparecido Rubens Paiva. As declarações frias e bombásticas do coronel Malhães fizeram dele não só uma testemunha daqueles fatos mas também o colocaram na condição de torturador do regime.

Quando foi encontrado morto após ter sua casa invadida, aventou-se a possibilidade de uma queima de arquivo. Teriam silenciado alguém que poderia revelar as histórias mais sórdidas e ocultas da ditadura?

Semanas se passaram e a polícia descobriu que se tratava de uma tentativa de assalto mal sucedida e que a morte do personagem se dera por um ataque cardíaco. Era um crime comum, não político. Entretanto, a suspeita de queima de arquivo é reveladora de um ambiente nacional muito diferente do de abril de 1964, quando os militares tomaram o poder. Nos cinquenta anos que nos separam daquela data, o país

assistiu ao desfile de generais pela presidência da república, à restauração da democracia e à estabilização política e econômica. Nas últimas duas décadas, tivemos três perseguidos pelo regime no Palácio do Planalto, no mais alto posto da nação. As comissões nacionais da verdade contribuíram para elucidar

A EJM produziu este dossiê pensando na riqueza de reflexão sobre os 50 anos do golpe civil-militar

alguns episódios, vítimas e seus parentes foram indenizadas, e fala-se cada vez mais em punição aos torturadores e até revogação da Lei da Anistia, de 1979. Realmente, hoje, o clima é muito diferente do vivido em 1964.

Foi pensando na riqueza de reflexão sobre o cinquentenário do golpe militar que a EJM produziu um dossiê sobre o tema. Recebemos colaborações de todo o país, ultrapassando em muito a nossa capacidade de publicação num único número. O resultado que o leitor tem

nas próximas páginas é uma amostra representativa do que os pesquisadores de comunicação vêm produzindo sobre o tema.

Começamos com Barbosa, que se equilibra entre o silêncio e as lembranças que o golpe pode propiciar em relação à sociedade e ao papel da imprensa. Maia e Lelo revisitam a morte do jornalista Vladimir Herzog para tratar do que chamam de “trauma na memória coletiva”. Silva e Simões, por sua vez, retornam a outra personagem importante do período – o presidente João Goulart – e a exumação de seu corpo para observar como circulam e disputam os sentidos em um acontecimento.

O resultado é uma amostra relevante da produção científica atual de nossa área

Sanglard e Baesso abordam os relatos da Comissão Nacional da Verdade, divulgados pela imprensa, e Reginato e Franzoni refletem sobre a assunção do erro do jornal O Globo ao apoiar o golpe em 1964. Fernandes e Correia discutem o jornalismo como instrumento de ação política, e Melo e Gomes analisam casos de violação à liberdade de expressão dos jornalistas no período.

Outros artigos se voltam a temáticas relevantes e alguns estudos de caso: resistência feminina (por Woitowicz), Boletim Sem Terra (Barbosa), a Coluna do Castello (Leal), a telenovela Amor e

Revolução (Araújo), a revista Realidade (Faro), os jornais O Estado (Budde e Vaz), Zero Hora (Borelli e Cargnelutti), Edição Extra e O Furo (Moura e Barreto), o uso de fotografias de arquivo (Casadei), a crônica esportiva (Venâncio), as assessorias de imprensa e a comunicação institucional (Naves e Pereira; Longhi). O núcleo temático vem com dezenove textos, compondo um mosaico generoso e atual sobre o assunto.

Entre os artigos de temas livres, a EJM traz quatro importantes contribuições: Amado e Amado dissertam sobre jornalismo, ética e propaganda na Argentina contemporânea; Vaz e Mintz estudam a revista Piauí e seus eleitores; Träsel se debruça sobre o jornalismo de dados; Castilho e Coelho abordam a curadoria de conteúdos no jornalismo.

Este número da EJM oferece muitas razões para não esquecer os acontecimentos decorrentes do trauma de 1964. Mas esta edição é histórica também porque marca os dez anos deste periódico científico. No primeiro semestre de 2004, a Universidade Federal de Santa Catarina contava apenas com um curso de especialização em Jornalismo, mas o grupo de professores que estavam à frente dessa iniciativa sentiram a necessidade de criar uma publicação que veiculasse relatos de pesquisa, reflexões teóricas e demais colaborações para o aumento da massa crítica sobre a área.

A Estudos em Jornalismo e Mídia surgiu com periodicidade semestral, abrangência nacional e em suporte impresso. Foi assim até o segundo

semestre de 2008, quando a EJM migrou integralmente para a plataforma online, ampliando as possibilidades de acesso, consulta e leitura.

Em dez anos de circulação ininterrupta, a revista publicou artigos dos principais pesquisadores brasileiros e se abriu para os estrangeiros; discutiu os temas mais relevantes da área; passou a fazer parte de reconhecidas bases de dados internacionais; inovou com a implantação do Digital Object Identifier (DOI), por exemplo, e com novos layouts de suas páginas. Alcançou também patamares de grande qualidade técnica na avaliação da pós-graduação brasileira

Neste período, lançamos 20 edições (não estamos contando esta), totalizando 331 artigos, de quase 500 autores, preenchendo mais de 4400 páginas. Os números e a abrangência sinalizam um pouco do legado da revista nesse período. Na verdade, esse legado é resultado da qualidade dos textos de nossos autores; do trabalho árduo, consistente e criterioso de nossos conselheiros editoriais e avaliadores convidados; do envolvimento e dedicação de todos os bolsistas e voluntários que trabalharam em nossas páginas; da competência dos profissionais do Portal de Periódicos da UFSC, que apoiam nossas ações; da inteligência e do rigor dos editores

anteriores, os professores Eduardo Meditsch (2004-2005), Gislene Silva (2006-2008) e Daisi Vogel (2008-2009). Agradecemos a todos o empenho na construção desta publicação, renovando o compromisso de busca da excelência científica e editorial.

Para marcar os dez anos da EJM, nos últimos meses, trabalhamos num conjunto de mudanças que o leitor poderá conferir na sequência:

> preparamos uma edição mais volumosa que o habitual, com 23 artigos selecionados, resultando em mais de 300 páginas;

> inauguramos um novo projeto gráfico para a revista, buscando tornar mais agradável a experiência de leitura.

> aumentamos o nosso Conselho Editorial, ampliando o rol de especialidades de nossos avaliadores;

> aprimoramos nosso sistema de avaliação, disponibilizando aos conselheiros editoriais formulários específicos para a emissão de seus pareceres;

Esperamos que essas modificações se traduzam numa maior satisfação de nossos leitores e em contínuas contribuições científicas para os estudos de jornalismo e de mídia.

Rogério Christofolletti,
editor
Cárlida Emerim,
subeditora